

Para ajudar a diminuir preconceitos

Aticco Chassot
chassot@unisinós.br

LOPES, Nei. 2004. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo, Selo Negro, 718 p. ISBN 85-87478-21-4.

Enciclopédia no imaginário quase universal evoca de maneira recorrente o portentoso trabalho de Diderot e D'Alembert. Estes com sua obra ajudaram a fazer do século 18 o Século das Luzes na História da Civilização (Occidental). Sempre somos tomados de emoções ao ver exemplares desse histórico ícone do conhecimento, já mais que bicentenário, nos setores de obras raras de umas poucas bibliotecas que têm o privilégio de possuir essa preciosidade ou em cópias xerografadas. Imagina-se, então, o imenso esforço para compilá-la e seu significado quando homens e mulheres ainda eram tutelados em seus pensamentos por aqueles que se consideravam os “mais sábios”, mas que eram mesmo sabidos.

Parece-me que não exagero quando afirmo que *Enciclopédia brasileira da diáspora africana* passa a significar para brasileiras e brasileiros desta aurora trimilenar um dos mais significativos artefatos culturais para a busca da superação de preconceitos. Muito provavelmente superar preconceitos é dos maiores desafios hodiernos. Esta obra se faz um eficiente catalisador para isso.

A Enciclopédia – quando não adjetivamos essa palavra, a referência é a *francesa* – foi considerada uma máquina de guerra posta a serviço das doutrinas filosóficas que lutavam contra aqueles que queriam cercear a liberdade de pensamento daqueles que então ousavam pensar diferente de cânones impostos. Num paralelismo, a obra agora resenhada parece ser uma carta de alforria – parece-me bem posta a metáfora, quando recordamos o

que a alforria significou à ancestralidade de muitos que agora são verbetes nesta Enciclopédia – que busca, com outros óculos, ler imagens de um sempre mutante caleidoscópio muito atual. Nessa dimensão, esta nova Enciclopédia traz informações que passam a exigir que ressignifiquemos muitas de nossas informações, construídas num senso comum marcado por leituras totalitárias e com pecha de dominação. Ler, reler, tresler (sim, também, ler às avessas!) o significado que têm as palavras que usamos é preciso.

Se a existências de obras de consultas sob forma digital facilitou a *rapidação* ao acesso do conhecimento – e nem estou me referindo àquelas obras de referências que hoje têm como base a rede mundial de computadores, como por exemplo a Wikipédia¹ – não há como não ter saudade daquele manusear de dicionários em suporte papel, nos quais a busca da palavra desejada era distraída – abençoada distração, às vezes não tão abençoada quando na adolescência caçávamos certas palavras às escondidas – pelo encontro de outras que, muitas vezes nem sonhávamos existir e que numa antecipação ao hipertexto, nos levavam a mundos antes impensados.

A obra aqui trazida à apreciação das leitoras e dos leitores de *Educação UNISINOS* a temos em suporte papel, que nos permite inclusive curti-la no embalo de uma rede. Aliás, parece ser essa relação sensual que estabelecemos com o livro papel ao tocá-lo, ao cheirá-lo, ao tê-lo como companhia na cama, no ônibus, nas salas de espera, em

¹ Wikipédia - uma enciclopédia grátis on-line -, criada em 2001, cresce a uma taxa de 1.500 artigos ao mês. A versão em inglês - <http://en.wikipedia.org/wiki> - tem já quase 1,2 milhão artigos (junho de 2006). Há versões em cerca de 50 idiomas, alguns até exóticos para nós, sendo que a versão em português - <http://pt.wikipedia.org/wiki/> - apresenta quase 150 mil artigos. Seus verbetes são produções gratuitas de qualquer indivíduo que queira disseminar conhecimento. O sítio utiliza a ferramenta Wiki, que permite a qualquer pessoa melhorar de imediato qualquer artigo.

aeroportos que nos leva a inferir que, pelo menos em tempos próximos, que o livro em suporte papel não será destronável pelo e-book², mesmo que este possa ter algumas vantagens, especialmente quanto a peso e a volume.

Não é fácil resenhar uma Enciclopédia, e esta em particular, pois envolve um campo tão amplo de saberes que vai de “biografias a vestuários; fatos históricos contemporâneos a acidentes geográficos, flora e fauna; de festas e divertimentos a profissões e atividades”. Há campos do conhecimento no qual é especialmente detalhada e rica, como na música brasileira e latino-americana, nos rituais religiosos – a obra se constitui numa boa fonte para se esclarecer acerca das divindades das religiões afro –, nas referências geográficas e nos estudos biográficos e nestes encontramos personagens que não imaginávamos afro-descendentes.

Ao contemplar tão largo espectro de conhecimentos presentes nesta obra, pode-se avaliar o ingente trabalho realizado com competência por Nei Lopes (Rio de Janeiro, 1942) – que renunciou à advocacia, profissão na qual já era graduado aos 24 anos, para fazer-se compositor reconhecido de música popular brasileira. Também se tornou militante destacado do movimento negro. Nessa esteira, publicou já várias obras – e isso lhe dá um pioneirismo no Brasil. Entre estas há o *Novo dicionário banto no Brasil*, e pelo extenso verbete na *Enciclopédia brasileira da diáspora africana* sabemos que “banto” é a designação de um amplo grupo de línguas e dialetos negro-africanos falados e diversas regiões da África. O termo hoje designa também povos e cultura; assim, fala-se em cultura banta ou mundo banto.

Há muitos de nós que não conseguem escrever sem se fazer cercar de dicionários e enciclopédias. Ao definir-me como um desses, termino por dar um tom intimista a esse texto. Por tal, permito-me fazer dessa resenha um preito aos enciclopedistas, e coloco Nei Lopes, com justiça, nesse rol onde são referenciais Diderot, D’Alembert, Rousseau... Estendo a homenagem também aos meus dicionários e enciclopédias, estes sempre solícitos e prestimosos companheiros.

Assim, aqui e agora, a renovação de meu encantamento a um enciclopedista. Ele nos disponibiliza o labor de muitos anos de extensa pesquisa, transformado em criteriosa redação de milhares de verbetes, muitos deles ilustrados com fotos ou cuidadosos bicos-de-pena de

personagens ou situações bastante pouco usuais. As páginas de aberturas de cada letra trazem desenhos esmerados. A extensão do trabalho de pesquisa do autor pode ser inferida pela quantidade de referências bibliográficas – cerca de 400 títulos em vários idiomas de diferentes matrizes teóricas. Talvez uma boa metáfora do resultado da continuada atividade de um enciclopedista é ele nos oferecer a oportunidade de vasculhar sua biblioteca que ele cuidadosamente arrumou. Mesmo que essa invasão seja consentida, não raro nos sentimos *voyeurs* espiando certos verbetes.

Elaborar uma obra tão complexa e grandiosa deve ter razões maiores do que se fazer um autor reconhecido. Nei Lopes não nos sonega ter-se feito exímio enciclopedista por uma outra dimensão. Sua obra é também – e, talvez por primeiro – um preito pessoal ao seu DNA constituído por genes africanos, que o tornam orgulhosamente negro. Isso é particularmente destacado quando ele faz o ofertório da *Enciclopédia brasileira da diáspora africana* à sua neta e ao seu neto como “uma lição da saga de nossos ancestrais africanos”. O autor, como diz com propriedade Helio Santos, “com prazer, se empenha de forma generosa no sentido de nos proporcionar uma importante fonte de luz ancestral – seu trabalho tem o aconchegante colo da mãe África como pano de fundo”³. Na mesma direção, Elisa Larkin Nascimento diz, com autoridade, que esta obra “é o resultado de longos anos de minuciosa pesquisa, sustentada pela paixão e pelo engajamento de um só autor e concretizada numa produção independente dos meios acadêmicos e dos financiamentos institucionais. O critério rigorosíssimo de pesquisa e erudição, bem como a solidez e a seriedade do compromisso com o registro fiel e exato das informações coletadas, evidencia a grandeza do empreendimento.”⁴ Penso que aqueles que se abeberarem dessa fonte de conhecimentos não de subscrever essas duas avaliações.

Quando se contempla essa produção, realizada fora da Academia, esboroam-se as classificações que fazemos para saberes (acadêmico / popular / escolar). Aqui temos uma produção de saber acadêmico que ocorre fora do locus privilegiado da Academia, tão afeita a fazer a certificação daquilo que produz. Parece bom que se rompa a tradição que a Academia herdou da Igreja: a de precisar conferir de maneira autoritária, e usualmente inquestionável, a produções, mesmo que alheia ao seu mundo quase esotérico, o

² Segundo a Wikipédia, um *e-book* (abreviação inglesa de *eletronic book*, “livro eletrônico” em português) é um livro em formato digital que pode ser lido em equipamentos eletrônicos tais como computadores, PDAs ou até mesmo celulares que suportem esse recurso. Um *e-book* por ser um método de armazenamento de pouco custo e de fácil acesso devido à propagação da internet nas escolas. Pode ser vendido ou até mesmo disponibilizado para download em alguns portais de internet gratuitos. Os *e-books* são facilmente transportados em disquetes, CD-ROMs e pen-drives.

³ Helio Santos, ativista do Movimento Negro Brasileiro e autor de *A busca de um caminho para o Brasil: a trilha do círculo vicioso* (Editora Senac, 2001), é autor da apresentação onde está a citação referida.

⁴ Elisa Larkin Nascimento, doutora em Psicologia e autora de *O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil* (Selo Negro, 2003), faz essa afirmação no prefácio do livro aqui resenhado.

nihil obstat e o *imprimatur* est⁵.

Cabem duas observações quanto ao título da obra. A primeira é quanto ao uso da palavra de origem grega *diáspora*. A acepção primeira nas dicionarizações (por exemplo, Aurélio ou Houaiss) é como a *dispersão dos judeus, no decorrer dos séculos*. No seu sentido ampliado, temos a palavra dicionarizada como a *dispersão de um povo em consequência de preconceito ou perseguição política, religiosa ou étnica*. Assim, parece muito oportuna a escolha de Lopes: assumir esse espalhamento da negritude por outros continentes, que se iniciou tangida pelo relho do feitor e está ainda hoje marcada com a pecha do preconceito, como uma *diáspora*, assim como aquela tão decantada, mas também muito sofrida que ocorreu e ocorre com povo do livro, para quem é atribuída a dicionarização primeira.

A outra observação é quanto à adjetivação *brasileira* que traz no título. Ela extrapola em muito os limites nacionais. Poderia chamar-se, pelo menos, enciclopédia latino-americana – a história do mundo antilhano, por exemplo, se faz densamente presente – ou até americana, pois há muitos verbetes que pertencem à historiografia e à música estadunidense. Essa extrapolação determina encontrarmos preciosidades pelas quais jamais buscaríamos.

Assim, para os leitores esse livro poderá ter uma marca diferenciada. Transcende ser uma obra de referência como são as enciclopédias: pode ser também um livro de leitura. Mesmo que não busquemos um determinado verbete, e isso é sempre uma surpresa, pois não conseguimos imaginar as preciosidades que existem escondidas em sete centenas de páginas. Vamos sempre surpreender-nos, até porque a Enciclopédia não tem as fronteiras anunciadas; isso é benéfico.

Assim, aqui uma recomendação: abra qualquer página ao acaso, e muito provavelmente emergirão verbetes que trarão informações suculentas. Aliás, supimpas são alguns verbetes de culinária.

Aprende-se, e trago apenas um exemplo entre centenas que a floraram, que rastafári (ou, na sua forma reduzida, rasta), mais do que significar cabelo dividido em mechas trançadas a partir da raiz, às vezes entremeadas de linhas ou contas coloridas (aliás, opção não presente na Enciclopédia) é quem é adepto do rastafarianismo, seita messiânica de origem jamaicana que prega o retorno cultural dos negros à África, venera Haïlé Selassié (1892-

1975, imperador da Etiópia, na África, entre 1930 e 1974, tendo abolido a escravidão no país em 1924, enquanto regente do trono) como o Messias negro, faz uso da maconha em seus rituais e proíbe cortar os cabelos. E esse nome vem do título dinástico que tinha o imperador: *ras* (príncipe) Tafari Makonem.

Porém, não poucas vezes, essas informações são marcadas dolorosamente pela história de preconceitos que ainda hoje nos revoltam, como no verbete que trata dos relacionamentos sexuais interétnicos. Nesse, ficamos sabendo da sujeição à pena de morte para negro que mantivesse relacionamento sexual com mulher branca solteira. No caso ilustrado (na Jamaica, hoje um país onde cerca de 77% da população é negra, descendentes de escravos levados à ilha no século 18), ela era açoitada e expulsa da colônia. Sabemos também o quanto os senhores por serem donos dos escravos tinham tacitamente “o direito de corpos” das mulheres negras, havendo relatos de situações de estupro por parte de imperador do Brasil.

Ter informações como as disponibilizadas nessa obra é muito oportuno. Por exemplo, a França muito recentemente (10/05/2001) editou lei que faz da escravidão e do tráfico humano um “crime contra a humanidade” com instauração de um dia em homenagem à lembrança da multidão escravizada e explorada nas colônias francesas até a metade do século 19. Essa decisão suscitou reflexões e publicação de várias obras, entre outras *Le crime de Napoléon*, de Claude Ribbe, natural de Guadalupe (ainda território francês nas Antilhas) onde mostra que o imperador restaura em 1802 a escravidão que havia sido abolida em 1794, com a Revolução Francesa.

Com a trazida de alguns exemplos, penso ter mostrado o quanto a *Enciclopédia brasileira da diáspora africana* é sumarenta. Por tal, permito-me entusiasmadamente recomendar às leitoras e aos leitores de *Educação UNISINOS* essa obra que tem o prestigiado *Selo Negro* Edições. Ela não apenas tem sabor de saber, fazendo-nos descobrir verdadeiras pérolas. Mas, e principalmente, ela poderá nos ensinar novos olhares a um mundo que devemos nos obrigar a ver diferente daquele que muitas vezes nos é apresentado por tendenciosos formadores de opinião.

Aticco Chassot
Unisinos, RS, Brasil

⁵ Os livros – e não necessariamente os de conteúdo religioso –, há não muito tempo, tinham (se considerarmos, mesmo hoje, algumas ordens e congregações religiosas, deveríamos usar o tempo verbal no presente: têm) que passar por tribunais eclesiásticos que os examinavam para verificar se não continham nada contra a fé e os bons costumes. Se eram considerados passíveis de publicação, recebiam o *imprimatur* est isto é: *imprima-se ou seja impresso*, e o *nihil obstat*, que significa “nada obsta” ou “nada há que cause embaraço à fé e aos bons costumes”.